

FUNDAÇÃO CULTURAL

21 anos a serviço da cultura?

"Trabalhávamos na Fundação Cultural debaixo da seguinte ordem: Brasília é uma cidade que precisa ser constantemente desaquecida - tudo era meio "subjetivo" mas a ordem era do Ministro da Educação e Cultura Ney Braga. Tinha um "fantasma" que dizia o que podia e o que não podia fazer". Corte: o depoimento é de Marco Antônio Guimarães, ex-Assessor de Cinema da Fundação Cultural, no período de 1971 a 1979. De sua parte, a Fundação Cultural está publicando em anúncios de promoções nas quais tem qualquer tipo de participação a seguinte frase/slogan: "Fundação Cultural, 21 anos a serviço da cultura".

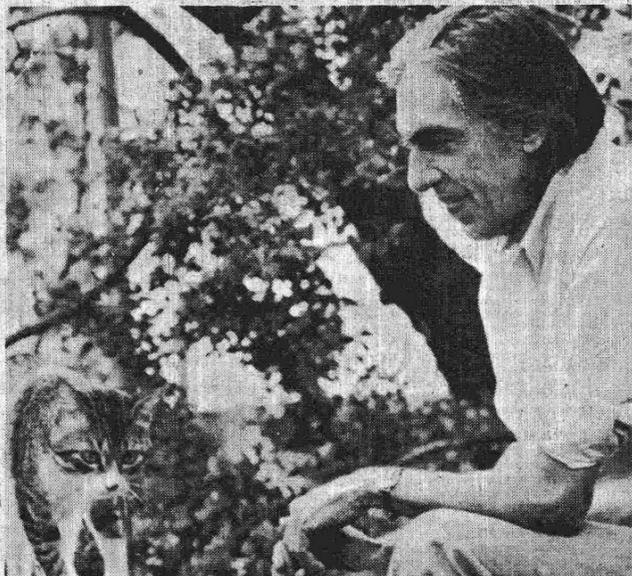
Enquanto isto, a maioria dos artistas brasileiros reclama do tratamento dispensado pela Fundação numa perspectiva de produção local e reivindica que a "Abertura" chegue também àquela instituição. Um dos últimos atritos teve como personagem o maestro Cláudio Santoro - músico reconhecido internacionalmente - fato que repercutiu em várias partes do País. Entretanto, para o atual Diretor da Fundação Cultural, Carlos Mathias, tudo corre muito bem: "Ninguém com mérito bate à porta da Fundação e a encontra fechada - garante ele. Mas, ela tem uma linha da qual não abre mão. Em cultura pode-se fazer tudo, menos incentivar a mediocridade". (Entrevista ao "Correio Braziliense", de 29.11.81).

Neste sentido, outro ex-assessor da Fundação comenta que (numa cidade que dizem ser pouso de objetos não-identificados) este marasmo cultural não é trazido por nenhum disco-voador, mas planejado meticulosamente pelo "fantasma" a que faz alusão Marco Antônio, mais acima: "Eu acredito realmente numa estratégia de esvaziamento de qualquer promoção cultural em Brasília, uma estratégia muito bem planejada de desaquecer a cidade. Não é só uma coisa de agradar a ou b - quem fala é o cineasta Miguel Freire, ex-coordenador do extinto Centro de Criatividade. Se você analisar bem, os clubes foram esvaziados, a UNB, enquanto movimento cultural, foi esvaziada, o Cine Brasília quando começou a atuar de maneira mais significativa foi esvaziado, o Centro de Criatividade a mesma coisa, o Pré-Universitário também. Não desaquece por inoperância das pessoas - é uma estratégia muito bem planejada. Este "fantasma" na verdade é o grande planejador".

"Para as instituições culturais, em Brasília, quem faz cinema é comunista, quem faz dança é bicha, quem faz teatro é prostituta e quem faz música é maconeiro. Depois dizem que eu é que sou palhaço só porque pinto a cara e dou cambalhota. Ary Pararaios, ator/palhaço do Esquadrão da Vida".

Dentro deste contexto de "fantasmas-planejadores", muita gente diz que nem Glauber Rocha, nem Paulo Emílio, nem Ferreira Gullar dariam jeito na Fundação. É o caso de Rogério Costa Rodrigues, crítico de cinema e professor, um dos fundadores do Clube de Cinema de Brasília e um dos coordenadores do Festival de Cinema em sua fase inicial: "A Fundação não é um quisto, ela é um reflexo da cidade e do país. Se uma cidade não produz economia, como ela vai produzir cultura dentro do mundo capitalista? O máximo que se produz aqui é uma cultura burocrática, onde o mais importante são os relatórios. Esta cidade foi construída em cima da fantasia: eu mesmo tive esta ilusão - o sonho de Juscelino, nós todos embarcamos no sonho de uma cidade/capital do futuro de Juscelino. Não há mais sonho: a cidade já optou por uma vida burguesa. Acho que o esvaziamento do Festival de Brasília é exatamente o que tinha de acontecer com uma cidade consolidada. Temos uma população amortecida: a culpa não é dela, é da própria cidade, que depende da iniciativa governamental pra tudo. O comércio da cidade é multinacional: o dinheiro que circula pelos "Jumbos", as "Sears" não fica na cidade. O comércio da W-3 acabou: as "Bibabós", as "Fofis" de certo modo eram pressionadas a criar algo para a cidade, a ser uma fonte alternativa. Cultura entregue a burocratas é uma desgraça. A exceção na vida cultural de Brasília foi Paulo Emílio, exatamente porque não era um burocrata".

Outro problema com referência à Fundação é o do Conselho Deliberativo, organismo responsável pelas mínimas (e máximas) decisões da entidade, a nível de política cultural e a nível jurídico. Um produtor da cidade adverte que a mudança de nomes



Os destinos da Fundação Cultural, de Gullar, seu primeiro diretor...



... a Carlos Fernando Mathias

da Fundação Cultural nada resolve: "Não adianta mudar o Ministro se o Ministério continua o mesmo. Só resolve uma mudança em toda a estrutura que sustenta a política atual da Fundação". O artigo 8 do estatuto vigente da Fundação reza: "O Conselho Deliberativo está constituído pelo Secretário de Educação e Cultura do Distrito Federal, como presidente nato, do Diretor Executivo, como membro nato e mais cinco membros do Conselho e dois suplentes, da livre nomeação do prefeito do Distrito Federal, escolhido entre pessoas de ilibada reputação e notória competência".

"O Conselho - Deliberativo - é um órgão de decisão político-cultural jurídica, age democraticamente, mas sem demagogia ou paternalismo. (...) Seus membros foram escolhidos pelo poder constituído que é democrático. De resto, da Casa Branca ao Kremlin, todos os cargos públicos são providos pelo poder estabelecido". Carlos Mathias, entrevista a Severino Francisco e Eclison Tito, JBR. 01.06.80).

Numa microfísica do poder na Fundação, o Conselho é o principal órgão de decisão; todos os projetos passam pelo seu crivo. Um ex-assessor da Fundação conta que, muitas vezes, o Conselho decide a liberação de 20 mil cruzeiros para compra de batidas e pipoca para algum "vernissage": "A rigor, a estrutura do GDF devia ter um conselho administrativo e um conselho de cultura". Rogério da Costa Rodrigues teve algumas experiências diretas com o Conselho Deliberativo na época do Clube de Cinema: "Não existe nada mais diabólico do que um Conselho Deliberativo da Fundação, que nunca delibera nada e quando delibera é criando obstáculos. Tudo corria bem para o Clube de Cinema, quando entraram a Fundação e o Conselho - aí foi um inferno: já não podíamos passar o filme que queríamos na hora que queríamos porque tinha que ser liberado pelo tal Conselho. Isto porque o Clube de Cinema funcionava na Escola-Parque. O que o Conselho fez com a gente fez com os grupos de teatro, os de música, com todo mundo".

João Antônio, ex-assessor de Teatro da Fundação Cultural, explica que o Conselho sempre foi um órgão que facilitava as decisões políticas: "Desta maneira, o Diretor Executivo não precisava assumir publicamente atitudes que seriam politicamente difíceis e que tinham que ser toma a partir de 64, tipo "não podemos ceder esta sala para este grupo porque ele é subversivo. Como fazer isto? É uma coisa difícil politicamente. Então tem um Conselho: diversas pessoas - muitas vezes com "ordens superiores" - tomam as decisões e tornam a coisa "impessoal"; ninguém assume a responsabilidade. O Conselho sempre teve gente com posição bem definida na sociedade - presidente de banco, procurador disto e daquilo - e gente respeitável intelectualmente pra legitimar as decisões. Mas a grande maioria está ali mesmo pra diluir as responsabilidades".

"O mais importante agora é retirar o Ruy Pereira da Fundação Cultural, que é um fascista, um dedo-duro, o maior entregador cultural do país. Aqui quem fala é Glauber Rocha: os tempos da Abertura não podem compactuar com a permanência desta espécie de agente repressor. O júri do Festival é um júri policial que não entende nada de cinema". Fragmentos de discurso-relâmpago de Glauber Rocha no Cine Brasília, durante o Festival de Cinema de 79.

"Aos vinte e cinco de março de mil novecentos e sessenta e hum, no segundo andar do Bloco 1 da Esplanada dos Ministérios, nesta cidade de Brasília, presentes os Senhores Oscar Niemeyer Soares Filho, José Sarney Costa (o mesmo atual José Sarney) e Jorge Pedreiro, membros do conselho diretor, foi instalada a Fundação Cultural de Brasília...". Assim reza a ata da instalação da Fundação Cultural, tendo como patrimônio inicial a Concha Acústica. De Fundação Cultural de Brasília passou a ser chamada Fundação Cultural do Distrito Federal e teve como sedes: as dependências da Prefeitura do DF, no 3º andar do atual prédio do MEC, em junho de 62, passa para o antigo "Pavilhão das Metas do Governo do Distrito Federal", próximo ao Palácio do Planalto, na Praça dos Três Poderes; em 68, é transferida para o "Pavilhão das Amostras", no "Eixo Monumental", próximo da Torre; em 71, passa a ocupar parte do Bloco A, da 508 Sul, onde funciona até hoje.

"No dia 10 de setembro de 1979, o Presidente Figueiredo disse em Brasília: 'Reitero minha fé no papel livre, responsável, crítico e veraz da imprensa. Acredito numa sociedade democrática. Uma não existe sem a outra'. Citação do livro 'Nos Porões da Loucura', de Hiram Firmino, Editora Codecri".

Histórias da primeira fase da Fundação: por volta de 62 veio a Brasília a Orquestra Sinfônica de Bomberre, Alemanha, e não tinha onde tocar. O maestro Reginaldo de Carvalho, assessor de Música da Fundação, queria a Concha Acústica porque cabia mais gente; a cúpula da Fundação queria a Escola-Parque. Ganhou a cúpula, mas Reginaldo mandou falsificar/reproduzir dois mil ingressos e veio gente como o diabo das cidades-satélites provocando o maior rebu na Escola-Parque.

O primeiro Diretor Executivo da Fundação Cultural foi o poeta José Ribamar, mais conhecido como Ferreira Gullar. Seu período de administração à frente da entidade durou somente oito meses, mas segundo pessoas que acompanham a vida brasileira desde os seus primórdios, esta passagem de Gullar por Brasília foi a mais fecunda conhecida pela Fundação e pela cidade. O crítico de cinema/jornalista Clovis Sena diz: "A administração de Gullar foi muito boa. Tudo era feito com poucos recursos, mas com muita criatividade. Não era essa repartição imensa que é hoje. Eram apenas quatro pessoas com salários e o

resto era gente de fora ajudando".

"Nós fizemos um trabalho diferente de um cemitério onde você chega e por fora é bonito, mas por dentro fede. Daqui de dentro deste gabinete estou ouvindo o boi urrar. A Fundação não gosta de bumba-meu-boi, eles odeiam a cultura popular. O meu documento é o bumba-meu-boi, é o tambor de crioula. Eu vou brincar bumba-meu-boi de qualquer jeito: m Sobradinho ou no Gabinete do Ministro. Teodoro Freire - coordenador do Centro de Tradições Populares de Sobradinho - respondendo a uma intimação/ameaça de desapropriação da área que o Centro recebeu em 79. Teodoro veio para Brasília a convite de Gullar".

Gullar é autor do primeiro plano cultural de Brasília. Seus assessores eram Edino Krieger (música), Cláudio Melo e Souza (teatro) e Barreto Borjes (literatura). O plano-piloto de cultura de Gullar: "Bem, no projeto que eu tinha para Brasília, considerei que a cidade era a junção do que havia de mais novo e de mais velho no Brasil - o urbanismo de Lúcio Costa e a arquitetura de Niemeyer de um lado, e do outro a cultura trazida com a mão-de-obra do nordestino, o pau-de-arara. A Fundação devia, de um lado, trazer para Brasília o que havia de mais moderno e atual nos diferentes campos da cultura e por outro estimular em Brasília uma atividade de arte popular. Então esta arte de vanguarda seria trazida - não se poderia esperar que isso pudesse nascer em Brasília de repente".

Com a renúncia de Jânio, o projeto de Gullar é interrompido abruptamente. Entretanto, um "Museu de Cultura Popular", projetado por Niemeyer, perto do Aeroporto, chegou a funcionar. Lá funcionou também uma escolinha de arte, coordenada pelo artista plástico Barrechea. Um dia, este recebeu uma ordem do então diretor da Fundação Cultural, Edison Tolentino, no sentido de desocupar o espaço atendendo a uma alegada recomendação da Aeronáutica: o comandante da Base Aérea estranhou quando Barrechea lhe comunicou a decisão: "Andei fazendo umas investigações aqui e não encontrei nada de ruim, de subversivo. Que pena que vai acabar". O fato é que as peças do Museu de Arte Popular sumiram misteriosamente - na época peças raras como as de Vitalino, quando este ainda era um desconhecido. O Museu virou garagem ou coisa parecida.

"A verdadeira obra de arte é o corpo infinito do homem que se move através das incriveis mutações da existência particular". Citação de Felix Guattari, no seu livro "Pulsões Políticas do Desejo".

Gullar trouxe a Brasília: o Teatro Arena de São Paulo, a Escola de samba da Mangueira, a Companhia de Teatro de Jean Louis Barrault, exposições do Museu de Arte Moderna de São Paulo, músicos de expressão nacional, filmes da Cinemateca de São Paulo - em colaboração com Paulo Emílio Salles Gomes. Mas o seu projeto de informação não era voltado para o consumo e sim para a criação de um circuito de produção cultural na cidade - conforme observam pessoas que acompanham o processo cultural de Brasília. O projeto de Gullar está mais ou menos codificado no primeiro estatuto da Fundação Cultural. O artigo 16 diz: "A Superintendência de Cultura dirigida por um superintendente de cultura, tem por finalidade precípua, utilizando atividades artísticas e científicas da FCDF intervir no quadro da realidade social para provocar mudanças culturais recomendáveis, competindo-lhe". Veio o golpe de 64. Em 66, a Fundação passa por uma reestruturação, quando se suprime dos seus estatutos coisas como a necessidade de esclarecer "a opinião pública das vantagens da maior afirmação do País no setor cultural, artístico e científico".

Desapareceu também dos estatutos subsequentes, a atribuição de se realizar o "Festival de Brasília" (uma idéia de Gullar) promoção que reunia todo tipo de manifestação cultural da cidade "como acontecimento máximo da vida artística da Capital da República" - segundo reza o estatuto. Eis alguns tópicos do estatuto/projeto de Gullar: "A Divisão de Estudos Sociais compreende três setores: Setor de Sociologia e Política, Setor de Antropologia e História, Setor de Economia e Finanças. Artigo 20: Compete à Divisão de Letras e Artes: a) promover a Bial de Brasília; b) organizar a Feira Permanente de Arte Popular,

bem como Núcleo do futuro Museu de Arte Brasileira; c) organizar e manter a Pinacoteca da FCDF; d) ministrar cursos de iniciação artística, visando por meio de processos educativos, ao aproveitamento de vocações artísticas; e) manter um Centro de Estudos Cinematográficos e correlatos; f) organizar e manter discotecas públicas, permanentes e itinerantes; g) organizar e manter cursos de literatura; h) promover festivais de cinema profissional e amador.

"De passagem, registre-se que este é o primeiro plano de cultura em toda a história do Distrito Federal). Da entrevista de Carlos Mathias, atual diretor da FCDF ao "Correio Braziliense" (29.11.81) referindo-se ao Plano Integrado de Educação e Cultura, elaborado pela FCDF e pela Fundação Educacional, "Eu não concebo uma cultura local, nem municipal, nem federal". Da mesma entrevista citada. "Há que se considerar a cultura em sua dimensão antropológica. (...) Desde que corresponda a aspiração de um segmento da população, a Fundação Cultural promoverá até Silvio Santos, não temos preconceitos desta ordem". Entrevista a Eclison Tito e Severino Francisco, Jornal de Brasília (01.06.80).

O estatuto/projeto continua: i) auxiliar na implantação do cineclubismo; j) manter a Bial de Música de Brasília; l) levar a efeito espetáculos e certames de música folclórica e regional; m) promover palestras, encontros, cursos, conferências, seminários, congressos, concursos e demais certames artísticos e literários; n) produzir programas de rádio, televisão e imprensa periódica; o) promover espetáculos teatrais de expressão cultural; p) instituir uma Escola de Teatro; q) instituir um Museu de Teatro; r) conceder bolsas de estudo. Artigo 21: compete à Divisão de Estudos Sociais: a) organizar e ministrar cursos de iniciação científica, visando principalmente às implicações da técnica e da ciência como fatores organizadores da sociedade atual; b) realizar pesquisas nos diversos setores das ciências sociais, objetivando o encontro de soluções para os problemas sócio-culturais de correntes da "Realidade Brasileira"; d) promover a coleta de todos os testemunhos (Documentos e Vestígios) que possam ser úteis a uma futura "História de Brasília"; e) organizar bibliotecas públicas, permanentes e itinerantes; l) produzir programas científicos por meio do rádio, televisão e imprensa periódica.

Outro aspecto destacado na passagem de Gullar por Brasília é o seu compromisso cotidiano/político com a cultura. "Nunca mais a Fundação teve alguém que brigasse pela cidade" - diz um observador. O próprio Gullar conta um episódio significativo: "O Cine Cultura foi arrendado: a Fundação fez um convênio com a Empresa Sá Pinto. Inclusive eu batalhei com o cara da empresa sobre o problema da porcentagem que caberia à Fundação. Ele queria pagar o mínimo possível. Eu briguei com ele até a meia-noite insistindo em que a porcentagem oferecida por ele não convinha à Fundação. Foi uma briga braba. Ele tirava do bolso o retrato da filha do Jânio Quadros, retrato dele próprio ao lado do Jânio Quadros. Então eu dizia pra ele: "Você vai e diz pro Jânio mudar o estatuto da Fundação Cultural, pois enquanto eu for diretor quem vai decidir sou eu".

Gullar manifestou também seu apoio a um movimento pela retomada do Cine Cultura: "Eu acho justo que o local seja utilizado para atividades culturais". O Cine Cultura possivelmente vai se transformar em supermercado; a direção atual da Fundação não assumiu uma posição sobre o impasse: "Acontece que há uma ação judicial entre a Terracap e a companhia Sá Pinto e enquanto não for decidida não podemos nos intrometer, o que não quer dizer desinteresse". Carlos Mathias, em entrevista ao JBR citada.

"Queremos muita polenta e pouca polêmica, nosso máximo de elitismo. Para o Poder (através da boca cheia de armadilha de seus ventríloquos) que marca em cima todos os espaços do campo social com seu jogo selvagem, os problemas nada mais são que hábitos cancerígenos de linguagem: a implementação, o organograma cultural, o transporte de vizinhança". Eclison Tito, no artigo "Do Poeta do Poder e da Palavra".